

Fotos: Mateus Lincoln/Correio da Manhã



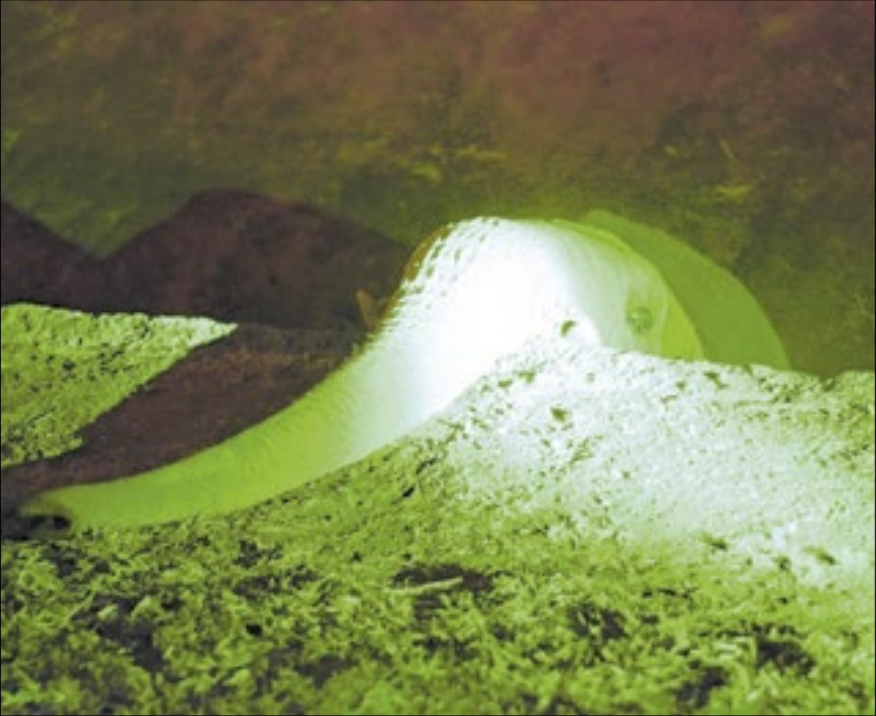
No serpentário, biólogos explicaram como muitas serpentes chegaram ao Zoo após serem resgatadas de tráfico e cativeiros



As onças-pintadas George e Peter foram resgatados do incêndio no Pantanal em 2021



Interagir com as antas proporcionou aos visitantes um contato autêntico com a natureza, raro em uma geração marcada pelo digital



A elefanta Bela é foi um presente do ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela. Quando visitou Brasília, em 1995, Mandela encontrou os brasileiros de luto pela perda recente da antiga elefanta do Zoo, que tinha sido a primeira moradora da instituição



Antes do percurso, os guias orientaram o público a evitar barulhos para respeitar o ritmo dos animais de hábitos diurnos, que descansam enquanto acontece o passeio



A turma que curtiu o passeio noturno do zoo, junto da reportagem

e cada serpente em sua toca

E as ameaças não se restringem ao continente que foi o berço da humanidade atual. No Brasil, diversos casos se repetem e muitos dos animais recebidos pelo Zoo de Brasília foram resgatados em situações de tráfico, cativeiro ou criações ilegais.

Foi o que aconteceu com muitas das serpentes que hoje vivem no serpentário. Os biólogos explicaram a história de cada uma delas. De onde vieram, quais situações passaram, em que condições chegaram e como melhoraram desde que receberam os cuidados adequados.

A passagem pelo serpentário foi também uma oportunidade para quebrar preconceitos relacionados às cobras. Os tratadores explicaram que estes animais não são vilões e possuem um papel muito importante no equilíbrio natural dos biomas e, além disso, elas atacam apenas em raras ocasiões em que precisam se defender.

“As serpentes são como muitos de nós, seres humanos. Gostam de ficar quietinhas no seu canto. Preferem não se envolver em confusão, mas, caso se sintam ameaçadas, elas sabem se defender. Se nós as deixarmos no lugarzinho delas, elas nada farão conosco”, explicou um dos guias.

Onça não é pet

Outra história triste que muito chamou a atenção dos visitantes foi a das onças-pintadas George e Peter. Elas foram resgatadas de uma fazenda em Mato Grosso. Acuadas nos incêndios que destruíram parte do Pantanal em 2021, elas foram encontradas por um fazendeiro. Possivelmente perderam a mãe em meio ao fogo e, por serem ainda filhotes, não sabiam se defender.

Depois de tê-las encontrado, este fazendeiro passou a tratá-las como animais de estimação. Após denúncias, elas foram resgatadas por autoridades e, por recomendação de diversas instituições, foram destinadas ao Zoo da capital federal, que possui uma equipe especializada em cuidar de onças.

Os irmãos, contrariando o padrão da espécie - que é territorialista e solitária - vivem juntos desde que chegaram e apreciam bastante a companhia um do outro. Um episódio de 2023 as deixou famosas na internet brasileira. Em dezembro daquele ano, visitantes registraram vídeos de Peter escalando as grades do Zoo e ficando cara a cara com quem os via.

No entanto, os guias confortaram a turma do passeio noturno, explicando que o recinto possui outras grades que impedem a fuga dos animais. Mesmo que tentassem, não conseguiriam passar. Ainda assim, eles frisaram que os tratadores precisam seguir diversos protocolos de segurança para cuidar ou alimentar as onças, já que se trata dos maiores carnívoros do continente americano. “[São] predadores de topo da cadeia alimentar. Não é pet, mas um animal silvestre”, frisou.

Ponto alto

O último recinto a ser visitado foi o das antas, que, atualmente, são os maiores mamíferos terrestres da América do Sul. Nesse momento, os guias convidaram voluntários a se habilitarem para alimentá-las, equipando-os com luvas especiais e mantendo uma distância segura, sendo protegidos também pelas grades.

Enquanto isso, curiosidades são contadas sobre as antas. Elas são classificadas como ungulados não ruminantes (mamíferos com cascos que tem um estômago simples), na mesma ordem dos equinos (como cavalos e zebras). Também são chamadas de “jardineiras da natureza” por consumirem muitos frutos (necessitando de 8 kg a 9 kg de alimento por dia) e dispersarem as sementes em grandes áreas durante suas longas caminhadas.

Durante a ação é perceptível a admiração no olhar de todos os presentes e não somente dos que se voluntariaram a alimentá-las. Interagir com um animal silvestre e que não é comum no cotidiano de ninguém ali, gera outro tipo de emoção aos visitantes tão acostumados com a vida moderna, digital e artificial. Cria-se uma ligação maior e viva com a natureza. A concretude de um ato simples impacta muito apenas por ser real. O melhor foi deixado para o final do passeio.